

RUDOLF STEINER E A ANTROPOSOFIA

Muitas das melhores mentalidades das épocas passadas e mesmo dêste século pensavam que as concepções puramente materialistas eram suficientes para explicar os fenómenos do Universo. O desenvolvimento formidável que a Ciência ia atingindo, as conquistas brilhantes do pensamento faziam supor que mais cedo ou mais tarde todos os fenómenos da vida vegetativa, tôda a actividade psíquica viriam encontrar uma explicação cabal nas leis mecânicas, no calor, na luz, na electricidade, na química coloidal etc. numa palavra, nos fenómenos e leis da física e da química. A matéria, nas suas propriedades e características conhecidas e por conhecer, a Energia nas suas várias modalidades deviam bastar em última análise para explicar todos os fenómenos do Universo. A Vida seria um caso particular de transformação de Energia. As locubrações mais transcendentales dum Kant, a inspiração artística dum Bach, a acção enérgica dum Napoleão, sujeitas às leis dum determinismo inexorável, viriam a enfileirar como fenómenos naturais ao lado das manifestações mais rudimentares do calor, da luz ou da electricidade.

Hoje em dia, porém, essas concepções não nos satisfazem por forma nenhuma. Se ainda há quem pense pelos moldes acima indicados, o número dos que se contentam com aquelas concepções vai a pouco e pouco diminuindo. Quanto a nós, os outros, uma poderosa convicção íntima instintiva bem como o raciocínio científico e filosófico levam-nos a supor a

existência doutras forças, doutras possibilidades além das que a física e a química nos demonstram. Para nós, hoje em dia, a Vida não pode resumir-se apenas a fenómenos físico-químicos. Nós hoje concebemos a Alma e o Espírito como realidades duma categoria diferente da do mundo material e as manifestações dos organismos vivos, concebemo-las portanto como sujeitas a leis diferentes daquelas que regem os fenómenos habituais da matéria.

Não basta, porém, que a nossa mentalidade se não satisfaça com as concepções materialistas. Não basta que procuremos intensamente pontos de vista espiritualistas para conceber a arquitectura universal. É necessário desbravar campos de investigação espiritualista, criar os métodos de estudo adaptados a essas modalidades especiais de fenómenos, encontrar as novas explicações, descobrir as novas leis. É essa a tarefa que incumbe aos investigadores, chamados duma forma genérica «neo-espiritualistas».

Tomando o desejo de Espiritualidade na sua forma mais geral, nós vemos por todo o mundo, hoje em dia, correntes neo-espiritualistas em grande abundância e com variadas modalidades. Encontramos todos aqueles que, numa reacção instintiva contra as fórmulas negativistas das épocas anteriores, se apegam com afincó às tradições religiosas clássicas e assistimos assim a uma reviviscência intensa do sentimento religioso (católico, por exemplo) por toda a parte do mundo. Vemos outros indivíduos que não se satisfazem com os moldes religiosos habituais e que se lançam cheios de fé e entusiasmo na adopção e na propaganda de novas formas de culto — isto acontece, por exemplo, nos Estados Unidos, onde as religiões novas brotam a cada canto com a fertilidade dos cogumelos. Outros ainda procuram na prática do Espiritismo tomar contacto com outras forças ocultas que porventura permeiam o mundo material que nós conhecemos, e assim sucessivamente.

De entre tôdas as correntes neo-espiritualistas actuais, há uma que se nos afigura como sendo a que satisfaz mais inteiramente a nossa maneira de ser. Ao mesmo tempo que engloba e explica tôdas as possibilidades religiosas, ela fornece-nos dos assuntos materiais e espirituais um quadro global lógicamente conduzido, que corresponde bem às exigências do nosso espírito moderno. Referimo-nos ao conjunto de doutrinas expostas pelo filósofo austríaco Dr. Rudolf Steiner, denominadas por êle *Sciência espiritual* (*Geisteswissenschaft*) ou *Antroposofia*.

Steiner, que era ao mesmo tempo um cientista da sua época e um místico do século xx, veio trazer àqueles que esperavam por uma orientação neo-espiritualista correcta uma série de pontos de vista, que nos parece serem aqueles que mais perfeitamente satisfazem a nossa mentalidade actual.

*

Steiner possuía faculdades de conhecimento supra-sensorial duma espantosa extensão e duma extraordinária profundidade. Esta afirmação constitui o nosso ponto de partida para estudar a obra de Steiner. Se, para uns, ela não comporta nenhuma inverosimilhança, para a maioria dos indivíduos educados na escola científica actual ela provoca incredulidade e desdém. É, por isso, necessário que nos ocupemos delas demoradamente.

Faculdades de conhecimento supra-sensorial são faculdades que permitem ao homem verificar directamente outros fenómenos além daqueles que os seus cinco sentidos lhes dão a conhecer. Desde que existem homens, com as suas cinco portas abertas sôbre o mundo exterior — a vista, o ouvido, o olfacto, o paladar e o tacto — têm aparecido creaturas que possuem ou pretendem possuir outros sentidos a mais e que contam à humanidade as suas observações feitas

por meio dêsses outros sentidos — essas creaturas chamam-se profetas, apóstolos ou santos — a crítica científica actual chama-lhes no geral impostores ou pelo menos alucinados.

Devemos regeitar *in limine* a existência de tais faculdades? É-nos lícito, pelo contrário, acreditar na existência delas? Até que ponto podemos ter confiança nos resultados das observações dêsses videntes em geral e de Steiner em particular?

Partamos dum sentido que é vulgar — a vista. Quando nós, indivíduos normais, falamos uns aos outros das formas dum edifício, das curvas suaves da quebrada duma serra, das cores maravilhosas dum pôr de sol de outono, essas nossas palavras têm para aqueles que nos ouvem um sentido evidente, porque êles, possuidores dos mesmos sentidos que nós temos, conhecem por experiência própria, directa, o valor dessas palavras — forma, curva, côr.

Contemos, porém, as nossas observações a um daltónico, a um daqueles indivíduos que não distinguem côres, para os quais o mundo tem um aspecto cinematográfico, apenas com *nuances* duma cor uniforme. Para êsses indivíduos, as palavras — verde, alaranjado, amarelo — são expressões absolutamente desprovidas de significação. O daltónico, tendo sentidos a menos que o comum da humanidade, não pode ligar directamente nenhuma ideia a tais palavras e vê-se forçado a fazer fé nas afirmações que lhe fazem aqueles que vêem côres, quando estes lhe dizem que podem distinguir nitidamente, por exemplo, duas lanternas de sinalização de caminho de ferro, de forma perfeitamente igual apenas porque uma é vermelha e a outra é verde. Nós não temos necessidade de quaisquer artificios para distinguir as duas lanternas, a nossa simples observação diz-nos sem engano qual delas é a verde a qual a encarnada, por conhecimento directo, evidente, definitivo; O daltónico se não quizer ficar reduzido a acreditar passivamente as nossas afirmações, terá por exemplo que

fazer uma análise química dos dois vidros afim de os distinguir um ao outro. A sua análise, porém, leva o a verificar que nós temos razão.

Vejamos agora um outro caso — o sentido chamado do «ouvido absoluto». Ao passo que, para as côres, a maioria dos mortais sabe diferenciá-las directamente e os daltónicos constituem a excepção, para os sons a maioria dos homens apenas consegue quando muito indicar os seus intervalos relativos, uma quarta, uma sétima, etc.) e apenas uma pequena minoria sabe dizer, ao ouvir tocar uma nota qualquer isoladamente, se ela é um dó, um fá, um sol sustenido, etc. Perante um desses indivíduos, quando os vemos conhecer sem hesitação os sons, com a mesma segurança com que nós distinguimos as côres, a nossa atitude para com eles é a mesma da que têm os daltónicos para conosco quando das côres se trata. Nós distinguimos o verde do azul e eles admiram-se, impotentes para fazerem o mesmo. Os que têm o ouvido absoluto reconhecem um dó sustenido dum ré natural, por observação imediata e então a estranheza é nossa.

Contudo, aproximando-nos nós dum piano, podemos verificar facilmente que eles não se enganaram e temos que nos render à evidência de que eles possuem realmente, naturalmente desenvolvido, um sentido que nos falta.

Até agora, trata-se apenas de *nuances* dentro de dois sentidos habituais. Vejamos, porém, outros — Os pombos correios têm inegavelmente um sentido especial de orientação, sentido que lhes indica, com uma segurança absoluta, qual a direcção que têm a tomar para regressarem ao seu pombal, quando largados a uma enorme distância. Este sentido, cuja existência nós somos forçados a constatar, é para nós perfeitamente desconhecido, pelo menos para nós civilizados, pois parece que ele é bastante freqüente nos povos primitivos. — Os animais herbívoros conhecem instintivamente quais as hervas que podem comer sem lhes fazerem mal, ao

passo que nós homens se queremos distinguir, por exemplo, os cogumelos comestíveis daqueles que o não são, temos que aprender botânica.

Vimos, pois, em primeiro lugar, que entre os homens existem pequenas diferenças nos sentidos habituais. Há-os que têm sentidos menos desenvolvidos que a média, há quem os tenha mais perfeitos que a maioria — em segundo lugar, verificámos que existem entre os animais sentidos completamente ignorados entre os homens civilizados, parecendo, porém que tais sentidos se encontram entre os povos selvagens.

Perante estas considerações, não nos repugna admitir que certos homens possam ter porventura outros sentidos diferentes dos da grande maioria dos mortais, que lhes permitam ter directamente conhecimento de outras coisas que nós desconhecemos.

Não pretendo dizer que se prove pelo que ficou dito a veracidade das suas afirmações, apenas pretendo mostrar que não é um absurdo o aceitar a possibilidade da existência de outros sentidos além dos cinco banais. Como resposta à nossa primeira interrogação diremos que não temos o direito de regeitar *in limine* a existência de faculdades supra-sensoriais, tendo, pelo contrário o direito de as estudar a sério.

Como é que poderemos, porém, verificar se essas faculdades são ou não reais, ou pelo menos se têm algum valor objectivo as afirmações feitas pelos clarividentes?

Há vários caminhos a seguir: — Um dêles consiste em comprovarmos por nós próprios a realidade das suas observações. De facto, e referindo-nos agora mais especialmente à obra de Steiner, êste afirma-nos que é possível a qualquer simples mortal desenvolver em si próprio os sentidos superiores, que êsses sentidos existem em todos nós atrofiados e que por uma *ginástica* adequada todos nós somos capazes de os treinar (como treina o seu tacto, por exemplo, um in-

divíduo que cegou, a ponto de conseguir com os seus dedos distinguir pormenores que escapam por completo ao tacto habitual da maioria).

Seja dito de passagem, que, segundo Steiner, êsse caminho é até precisamente necessário ao estadio actual da evolução humana. Êsses trenos, a meditação que com eles se prende, são precisamente o remédio que històricamente compete à nossa época como tratamento da nevrose da actualidade.

Há muitos indivíduos que estão hoje em dia seguindo a marcha indicada por Steiner e alguns dêles afirmam terem conseguido atingir os primeiros estádios de clarividência descritos por êle, confirmando em absoluto as observações que Steiner descreve.

Para quem atingiu um tal estado de evolução, esta demonstração é a mais cabal e perentória da veracidade das asserções de Steiner. Esta demonstração, porém, tem valor apenas para aqueles com quem isto se passa. Para os outros resta sempre a suposição de que quem tal afirma é vítima duma ilusão, é um fanático, é uma creatura que observou mal e se deixou levar pelas sugestões de Steiner, e assim, uma tal demonstração, longe de os satisfazer, pelo contrário, provoca nêles uma reacção de desconfiança.

Para a mentalidade ocidental, no geral da sua cultura, a marcha demonstrativa tem que se fazer por meio de factos objectivos, comprovados pela metodologia scientifica habitual. Êste critério de prova, aplica-se de resto, tanto às afirmações de Steiner, como a tôdas as asserções de carácter neo-espiritualista.

Uma tal verificação, porém, tem de ser feita com um critério scientifico absolutamente impecável e com uma soma espantosa de argúcia prática, para nos pôr a coberto de mistificações, de prestidigitações ou sequer de auto-sugestões de iluminados ou de fanáticos.

É este o ponto onde existe o maior escôlho no estudo dêstes assuntos. O número de mistificadores, de charlatães, que têm tomado conta dêles é enormíssimo. Tem-se feito de todos êstes fenómenos um comércio desonesto. Cientistas da maior honorabilidade, cheios de boa fé, incapazes de enganar os outros, mas por isso mesmo inclinados a ver nos outros uma boa fé semelhante à sua, têm sido vítimas de mistificadores grosseiros. Na crítica dos fenómenos verificados, nem sempre tem havido a nitidez científica, ou sequer a argúcia prática que tais assuntos requerem. Um público desejoso de ouvir fenómenos novos, à *sensation*, aceita facilmente afirmações pouco documentadas feitas por observadores apaixonados. Mais tarde verifica-se que os factos não são absolutamente exactos. Daí o descrédito em que têm caído todos os assuntos de ordem supra-sensível, seja dito de passagem. Isto, porém, não deve ser motivo suficiente para nos afastar de vez de tais assuntos, desde que em nossa consciência nos sintamos capazes de exercer a seu respeito uma crítica talvez ainda mais severa do que no estudo dos fenómenos puramente sensoriais.

Por um lado, um septicismo fácil, um desdenhoso encolher de hombros de suposta superioridade poderá porventura fazer-nos passar ao lado de factos verdadeiros, negá-los, ou apenas ignorá-los e levar-nos assim a desprezar elementos que poderiam ser quiçá do maior valor para o progresso da Humanidade.

Por outro lado, quando os queiramos estudar, os escolhos, desde o charlatanismo até à auto-sugestão ou simplesmente à observação mal feita, são tão grandes, tão numerosos, que exigem da parte de quem queira estudar uns tais assuntos uma cautela, um *self-control*, uma objectividade de raciocínio infinitamente mais severos ainda do que no estudo dos fenómenos scientificos habituais.

Rodeados, porém, de tôdas as cautelas, armados dum

espírito de observação cuidadosa e estritamente imparcial, nós temos o direito de empreender o estudo destes factos extranhos começando por verificar cuidadosamente as afirmações feitas por estes videntes nos campos em que tal verificação seja possível.

*

Ora, pois, Steiner, apresenta-se-nos como possuindo faculdades de visão supra-sensoriais num grau extraordinariamente elevado e faz-nos parte das suas observações numa obra verdadeiramente gigantesca.

Encarando Steiner como homem, estudando a linha geral da sua vida, adquire-se a convicção de que êle reünia em si as mais extraordinárias qualidades de grandeza moral, a maior bondade, a mais estrita veracidade, a maior dedicação e altruismo que é humanamente possível conceber-se. Steiner, no dizer unânime daqueles que o conheceram de perto era uma personalidade modelar sob o ponto de visto moral. De resto, mesmo não o tendo conhecido pessoalmente, a sua grandeza moral, a elevação e pureza da sua personalidade ressaltam nitidamente através da sua obra. Sob tal aspecto, podemos pôr confiadamente de parte qualquer suspeita de charlatanismo, passando, pelo contrário a ter por êle o mais completo dos respeitos ⁽¹⁾.

Afastada esta hipótese, podemos supôr ainda que Steiner

(1) Uma tal convicção não se adquire de repente; forma-se pouco e pouco, lidando durante alguns anos com a sua obra e com os continuadores dela. Para quem se interesse especialmente sobre a personalidade de Steiner recomendamos a leitura duma obra especialmente vibrante, o livro de Rittelmeyer — *Meine Lebensbegegnung mit Rudolf Steiner* (Stuttgart — Verlag der Christengemeinschaft), obra admirável onde se contam as impressões *vécues* de alguém que com Steiner conviveu muito de perto.

foi vítima de alucinações, podemos pôr em dúvida a sua sanidade mental. A tal respeito, ouçamos o que nos diz Rittelmeyer :

«Como é que será possível destrinçar se uma tão elevada espiritualidade assenta realmente sôbre uma verdade, ou se é apenas um êrro grandioso? — Pessoalmente tinha eu (Rittelm.) o desejo imediato de considerar em primeiro lugar com a maior exactidão possível, o homem que nos apresentava essas coisas novas. Não tinha deixado escapar nenhuma ocasião que se oferecia para formar um juízo sôbre R. St. como homem. — Parecia-me especialmente que uma tendência para a fantasia e auto-engano, se existe no campo supra-sensível, também se deve patentear em qualquer ocasião no convívio com os homens e no contacto com as realidades da vida. A não ser assim, teríamos que admitir uma dualidade perfeitamente estranha e inverosímil, tal como não aparece nunca nem nos mais subtis psicopatas, ou então teríamos que admitir uma *intrujonice* verdadeiramente diabólica. Quão grande não era a minha admiração ao verificar sempre a segurança e a clareza com que R. Steiner abrangia e dominava até as mais pequenas futilidades da vida. O seu conhecimento dos homens era simplesmente estupendo».

É esta impressão de Rittelmeyer a mesma que nos transmitem todos os que com êle de perto conviveram. A leitura da sua obra deixa-nos a seu respeito a mesma impressão de sanidade mental. É facto que, quando caímos sem preparação prévia sôbre uma das suas obras mais completas temos uma impressão de loucura ou de fantasia sem base. (De resto o mesmo aconteceria por exemplo a alguém que ignorando a existência do cálculo diferencial encontrasse de repente um livro sôbre essa matéria. Ao ver o autor pretender firmar raciocínios sôbre sinais cabalísticos e incompreensíveis teria a impressão de estar lendo a obra dum doido). Quando, porém estudamos as conferências mais simples de Steiner, elas

dão-nos, pelo contrário, uma sólida impressão de bom senso, de ponderação, de raciocínio lógico e bem conduzido. Continuando na leitura dessas obras e familiarizando-nos com elas, ao tomarmos de novo contacto com aquelas que ao princípio nos causaram estranheza, somos levados a encontrar-lhes a mesma marcha sólida de raciocínio correcto que tínhamos reconhecido de entrada nos trabalhos mais simples. (Tal como acontece a quem estuda matemáticas superiores depois de ter desbravado os terrenos rudimentares da aritmética e da álgebra).

Postas de parte as hipóteses de charlatanismo e de insanidade mental, começemos a estudar directamente as suas faculdades supra-sensíveis e vejamos a evolução que tiveram durante a sua vida.

Já em criança êle as manifestava, podendo distinguir, por exemplo, ao ajudar a determinados serviços divinos, auréolas de côres diferentes nos vários padres com quem lidava, côres belas nuns, que lhos tornavam simpáticos, côres feias noutros que lhos tornavam repelentes. Descrevia êle assim espontâneamente aspectos que correspondem àquilo que os ocultistas chamam a *aura* dos indivíduos.

É bem de supor a estranheza que causavam semelhantes afirmações desta criança naqueles que o rodeavam. Steiner rapidamente compreendeu que havia coisas que êle via e que não eram tomadas a sério quando delas falava. Calou-se então Steiner a tal respeito, ocultando dos outros as suas observações supra-sensíveis, continuando, porém, a desenvolver e a aperfeiçoar as faculdades especiais de que dispunha.

No entretanto, ia fazendo os seus estudos universitários, doutorava-se em filosofia em Viena, e começava, numa grande actividade produtora, a publicar obras de filosofia e crítica, filhas duma mentalidade sólida e correcta. Só depois dos quarenta anos começou a falar em visões supra-senso-

riais, fazendo a sua grande obra relativa a êste assunto nos últimos vinte anos da sua vida.

Perguntou-lhe uma vez Rittelmeyer: — «Como é que V., que certamente já conhecia muitas coisas anteriormente, calou completamente os assuntos «ocultos» até aos quarenta anos»? — Resposta de Steiner: — «Eu tinha que conseguir no mundo primeiramente uma certa situação. Das minhas obras actuais poderão certamente dizer que são loucas, mas os meus trabalhos anteriores também existem; não é possível simplesmente ignorá-los. Além disso, eu tinha que deixar chegar essas coisas em mim mesmo até a um certo grau de clareza, até poderem adquirir a forma própria de exposição, antes de poder falar nelas. E isto não era assim tão fácil. E, finalmente — devo confessá-lo — era necessária uma certa ousadia para falar assim publicamente em tais assuntos. Tive que me encher primeiramente de coragem».

Depois de tudo o que fica exposto, compreende-se que as afirmações feitas por uma tal personalidade mereçam ser apreciadas a sério e justifiquem que se faça pelo menos um estudo consciencioso do seu valor. Não é lícito passar por elas com um simples e desdenhoso encolher de hombros. Um homem de tão elevada categoria, apresentando-se a fazer afirmações com tanta cautela, tem jus a que a sua obra seja ponderada cuidadosamente, antes de emitirmos sôbre ela um parecer definitivo.

*

A obra de Steiner é extraordinariamente extensa e complexa. Ela abrange todos os ramos da actividade humana. Arte, Sciência e Religião encontram-se nela fundidas numa síntese formidável que as entrelaça harmoniosamente. Fazendo a sua leitura, começam porém a destacar-se na sua obra dois aspectos: — Um, o aspecto puramente espiritual, a descrição minuciosa, anatómica, dos corpos superiores do

homem, o quadro grandioso do mundo espiritual, a velha concepção da reencarnação e do karma, o estudo dos factos que se passam entre a morte e o novo nascimento, o panorama formidável das directrizes espirituais da Humanidade, etc. etc., tudo isto estudado e desenvolvido com a mais espantosa cópia de pormenores e de elucidações que seja possível imaginar-se.

Para todo êsse aspecto da sua obra, não encontramos de entrada verificação possível. Lemos essas coisas ao princípio como um lindíssimo conto de fadas, que pode porventura ser exacto, ou pode, pelo contrário, ser apenas uma genial ilusão do seu autor, que, em todo o caso, nos prende e nos encanta pela sua grande beleza e pela pujança e amplidão de olhar que nos revela.

Entremeadas, porém, com estas considerações, de ordem espiritual, encontramos a cada passo afirmações concretas sobre coisas que estão ao alcance do nosso estudo. Ao princípio não conseguimos apanhar o élo que liga estas afirmações sobre medicina ou agricultura, por exemplo, com os pontos de vista espirituais, nem isso ao princípio nos interessa. A nossa mentalidade, habituada à metodologia científica vulgar, encontrando-se em terreno em que a experimentação é asada, lança-se sobre êsses aspectos e apoia-se sobre eles para fazer o seu estudo.

Ora, Steiner, partindo de observações puramente supra-sensíveis, fez afirmações concretas acerca de terapêutica, indicando, por exemplo, medicamentos novos para determinadas doenças. Criou uma nova forma de arte — a Euritmia — e indicou que certos movimentos deviam ter um determinado efeito curativo. Steiner fez afirmações sobre métodos agrícolas para aperfeiçoar o aproveitamento do solo, indicou novas orientações a seguir na pedagogia, etc. etc.

Nesta altura, o nosso critério científico lança mão dêsses assuntos e procura encontrar experimentalmente, nos campos

acessíveis aos nossos sentidos, a demonstração do valor ou da inanidade das asserções de Steiner.

É isso que tem vindo a fazer-se há alguns anos a esta parte nas várias clínicas, laboratórios, escolas, campos de experimentação agrícola, que sucessivamente têm vindo a montar-se na Alemanha, na Suíça, na Áustria, na Holanda, na Inglaterra, etc. (pois a afirmações duma tal magnitude tinha de corresponder uma máquina de demonstração verdadeiramente colossal).

Ora, sob este ponto de vista, a pouco e pouco e em todos esses campos, as confirmações da veracidade das asserções de Steiner têm vindo a fazer-se pela forma mais absolutamente brilhante que se possa conceber.

Encarada sob este aspecto, a obra de Steiner veio abrir novos horizontes a cada uma dessas Ciências, mostrou novas possibilidades de investigação, alargou enormemente o campo de acção da ciência actual com os dados fornecida pela observação supra-sensível e assim, ao mesmo tempo que essas escolas, esses laboratórios, essas clínicas vinham trazer uma confirmação experimental esmagadora do valor das concepções de Steiner, elas permitiram iniciar um movimento progressivo da maior pujança em cada uma das sciências estudadas, com resultados já patentes hoje em dia e com vastíssimas possibilidades de investigação e desenvolvimento pasa o futuro.

Da expansão que têm tido essas instituições podem dar uma ideia os seguintes dados: — Sobre o movimento médico diremos que se fundou uma clínica em Arlesheim na Suíça (com uma dependência junto do lago Lugano) clínica que tem vindo a ter sempre um desenvolvimento constante. Funciona uma outra clínica geral em Stuttgart, uma outra de psiquiatria em Freiburg (i. B.) uma no Tirol (que, aberta em Junho dêste ano, já contava em fins de Julho cêrca de 70 doentes) uma outra na Haia, instalada nas mais perfeitas

condições modernas, na linda avenida que conduz a Scheveningen. Além disso inúmeros médicos estão trabalhando individualmente sobretudo na Alemanha, Holanda e Inglaterra, sobre as bases dos métodos de Steiner.

Há na Alemanha e Suíça já uns seis Institutos para tratamento de creanças anormais, organizados agora sob uma direcção comum, constituindo já hoje em dia no seu conjunto (quatro anos apenas depois de se ter inaugurado o primeiro) a Instituição particular para tratamento de retardados mais importante da Europa. Recebem ali tratamento cêrca de 170 crianças. Apesar de serem absolutamente incompreensíveis de entrada para a Sciência habitual os métodos médico-pedagógico ali adoptados, o que causou ao princípio a maior estranheza nas entidades oficiais encarregadas da Assistência pública alemã, hoje em dia êsses institutos já recebem correntemente creanças que lhes são enviadas pela Assistência pública, pois esta já reconheceu «que os resultados colhidos nas clínicas antroposóficas são melhores que os que se obtêm nas outras».

Quanto às escolas, existem já a funcionar em Stuttgart, em Essen, Hannover e Hamburgo, uma na Suíça, uma na Hungria, uma na Noruega, uma na Holanda e duas na Inglaterra. A principal, a Waldorf Schule de Stuttgart, tendo começado em 1919 com cêrca de 250 alunos, contava já há dois anos cêrca de 1100 e tem actualmente pedidos para receber outros tantos, que não pode aceitar por falta material de espaço.

Todo êste desenvolvimento formidável se tem dado, não por qualquer reclame comercial em ponto grande (que não tem sido feito) mas unicamente pela propaganda feita pelo próprio público em vista dos resultados respectivamente clínicos e pedagógicos obtidos praticamente com os doentes e com os alunos nessas várias clínicas, institutos e escolas.

A demonstração do valor da obra de Steiner está feita. As afirmações de Steiner, baseadas em visões supra-sensíveis, levaram a resultados práticos superiores aos que se obtinham até agora pelos métodos científicos habituais.

*

Quando chegamos a esta altura da nossa apreciação sobre a obra de Steiner, o espírito científico encara a massa formidável de conclusões concretas obtidas e verifica o valor útil, prático das concepções steinerianas, mas isso não lhe basta para aceitar a veracidade dos seus pontos de vista. Segundo o critério científico habitual, critério aliás justo, uma concepção hipotética qualquer tem a importância duma teoria e valoriza-se pela sua maior ou menor fecundidade. Se é fértil em resultados práticos, vale a pena adoptá-la, se não leva a conclusões úteis, põe-se de parte. Por muito *fecunda* que se mostre, porém, não se segue que seja verdadeira. A Ciência tem para seu uso adoptado inúmeras hipóteses, que são válidas durante um certo tempo, até que apareça uma outra que as destrone e esta por sua vez terá que ceder o terreno a uma terceira que se mostre mais interessante e fecunda que qualquer das duas outras. Assim, e aliás com toda a razão, as vantagens práticas, as confirmações concretas colhidas pela aceitação duma qualquer hipótese, por mais vastas e retumbantes que sejam, nunca podem levar à conclusão segura de que essas hipóteses sejam a expressão duma *Verdade*; e portanto, a-pesar-da grandeza colossal da demonstração já hoje realizada, ela não é suficiente para aceitarmos a realidade objectiva das visões de Steiner.

Acontece, todavia, que à medida que vamos estudando a Antroposofia, ao passo que vamos encontrando as afirmações concretas susceptíveis de confirmação prática, e à medida que vamos encontrando as provas objectivas do inte-

rêsse fecundante das suas concepções, encontramos-las, como dissémos, entremeadas com pontos de vista espirituais. Começamos por pôr estes de parte, para atender apenas aos resultados práticos. A pouco e pouco, mesmo em vista dêsses resultados obtidos, somos levados a procurar entender a correlação que tais pontos apresentam com as outras concepções espirituais. A mentalidade que criou umas teorias tão fecundas foi afinal a mesma que descreveu tudo o mais. E por êste caminho, uma curiosidade natural leva-nos a procurar penetrar nos outros ramos das suas doutrinas que aparentemente se afastam mais da realidade objectiva.

E então somos levados a pouco e pouco a fazer observações do maior interêsse. O nosso pensamento, que não deixou de conservar a lucidez científica, começa a dirigir a sua atenção para os cantos mais recônditos da nossa alma e começa a encontrar a pouco e pouco ressonâncias inesperadas com as afirmações de Steiner. Passamos agora a entrar num outro campo experimental, não de experiências laboratoriais, mas de experiências interiores; começamos objectivamente a estudar-nos a nós próprios. A análise da nossa personalidade, seguida à luz das concepções de Steiner, mostra-nos uma precisão maravilhosa nas observações por êle feitas, que nos enchem de admiração e de entusiasmo.

Isto, porém, ainda é pouco. Qualquer bom psicólogo nos daria uma impressão semelhante, mas o esforço feito para compreender as afirmações de Steiner faz-nos treinar e desenvolver inúmeras faculdades de intuição psíquica que a pouco e pouco nos conduzem a compreender com maior lucidez os problemas habituais da nossa vida prática. Começamos a conhecer melhor os outros homens, a adquirir qualidades de apreensão intuitiva do carácter humano, qualidades que no geral se não sabem desenvolver voluntariamente. Dentro da nossa própria vida profissional encontramos vantagens semelhantes. Ao passo que a cultura universitária

intelectualista moderna apenas promove em nós a ginástica do raciocínio, aguçando a nossa lógica, o trabalho com as obras de Steiner promove o desenvolvimento sistemático doutras faculdades consideradas em geral apenas instintivas e para as quais não se conhecia até agora uma ginástica apropriada. À medida que fazemos em nós próprios essas observações curiosas, que as sabemos confirmadas por todos aqueles que se dedicam a estes assuntos, vamos-las encontrando descritas por Steiner nos seus trabalhos magistrais, ao mesmo tempo que êle, dentro das suas visões espiritualistas, nos explica o porquê dêsses fenómenos subtis.

Além disto, ao passo que vamos penetrando mais directamente na compreensão das obras de Steiner, fazemos uma outra verificação íntima do maior valor: — Começamos a sentir, como efeito dêsses trabalhos, uma calma interior, um equilíbrio íntimo consolador no meio da agitação feroz que nos rodeia. Êsse efeito harmonizante, encontramos-lo também descrito, previsto e integralmente, luminosamente explicado nos trabalhos do autor.

É assim, dentro dêsse vastíssimo campo de experimentação íntima, que começam a amontoar-se sucessivamente as provas mais brilhantes.

Lentamente, gradualmente, começa a organizar-se, a tomar forma, a síntese harmoniosa (feita por Steiner através da Antroposofia) da grande trindade das actividades humanas — Sciência, Arte e Religião. — Êstes três campos que em geral actualmente se consideram absolutamente separados, passam a ter pelo contrário uma unidade de estrutura, uma interpenetração completa e constante que nos satisfaz e maravilha. Começamos a pouco e pouco a sentir a Sciência, a Arte e a Religião, não como três actividades independentes, mas como três aspectos diferentes duma única Realidade superior.

Finalmente, guiados por Steiner até ao mais recôndito

santuário do Templo da nossa Alma, vamos lá descobrir por verificação directa, imediata, a confirmação sublime das afirmações de Steiner referentes à essência Crística do núcleo mais profundo da nossa individualidade.

Por esta forma, com o andar dos meses e dos anos, gradualmente, insensivelmente, através das inúmeras confirmações de ordem muito íntima, muito profunda, das verificações cuidadosamente, cientificamente feitas no laboratório em que depositamos a nossa maior confiança, no campo de observação do nosso próprio Eu — começa a formar-se lentamente, mas com a mais absoluta segurança, em nós, a convicção profunda de que Steiner falou verdade. As suas concepções deixam de ser para nós apenas hipóteses de valor prático, para serem mais do que isso — realidades duma enormíssima e transcendental grandeza.

Tôda esta marcha de verificação é apenas subjectiva. É isso que constitui para os outros a nulidade do seu valor de prova, é isso mesmo, contudo, o que lhe confere para nós tôda a sua formidável fôrça. Depois de tôda a digressão através das verificações, é nesta prova subjectiva que vimos fatalmente a apoiar-nos, como sendo a única que mais integralmente nos dá uma certeza plenária.

Mas, como esta demonstração é apenas individual, ela tem que ser repetida desde o princípio por tôdas as pessoas que de novo se ocuparem dêste assunto. Todos aqueles, porém, que vencerem os escolhos duríssimos das primeiras leituras de Steiner, verificando por si próprios a pouco e pouco o interesse crescente que lhes encontram, persistirão nessas leituras e hão-de ser levados, naturalmente, irresistivelmente, à convicção subjectiva de que são verdadeiras as suas asserções.

*

O nosso ponto de partida foi a insatisfação que nos causam

as concepções puramente materialistas do Universo, foi a convicção instintiva da existência duma Espiritualidade superior. O nosso íntimo anseio de encontrar objectivamente o Espírito levou-nos a procurar as doutrinas várias que dêstes assuntos se ocupam. A nossa mentalidade moderna, porém, educada na crítica e na lógica, exige duma concepção neo-espiritualista um apoio europeu na consciência e no raciocínio. A obra de Steiner veio trazer-nos uma cabal satisfação das nossas exigências intelectualistas, ao mesmo tempo que nos patenteou os campos do Espírito em quadros grandiosos da mais brilhante luminosidade.

Conduzidos por êle compreendemos como a Antroposofia corresponde historicamente às aspirações mais profundas da humanidade actual e adquirimos a convicção consoladora de que ela se apresenta no meio da decadência assustadora que nos rodeia como o esforço mais grandioso e eficaz que actualmente existe para levantar a Civilização da vertente onde resvala e para auxiliar a Humanidade na sua aspiração constante para um Ideal superior de Perfeição e de Beleza.

Lisboa — Outubro de 1928.

CARLOS SANTOS, filho.